

Apresentação

O presente número da *Revista Organon* tem como núcleo temático uma discussão sobre o cânone. Os trabalhos originaram-se no II Fórum de Literatura Brasileira, realizado em dezembro de 1998, com organização do setor de Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFRGS. A unidade temática permitiu que fossem integrados nessa publicação.

A primeira seção – *Revisitando o cânone: questões de historiografia e crítica literária* – inicia com o ensaio de João Alexandre Barbosa – *O cânone na história da literatura brasileira*. Nele, o estudioso apresenta as Histórias da Literatura Brasileira responsáveis pela formação do cânone. No entanto, não defende nenhum cânone determinado, procurando pensar a questão tendo em vista os vários caminhos que a própria historiografia oferece. A esse texto segue-se o ensaio de Regina Zilberman – *Cânone literário e história da literatura* – no qual é realizada uma discussão sobre a possibilidade de um cânone literário relativo à produção do Rio Grande do Sul, que não consegue eximir-se da dualidade que se instaura desde os primórdios: ou seguir os modelos estabelecidos pelo centro ou marginalizar-se. Lucia Helena – *Terra fértil, bom selvagem: histórias do mal-estar* - faz uma leitura do romance “indígena” de Alencar apontando a sua ambigüidade, no qual se pode ler a “memória do genocídio” e a “memória da cultura selvagem”. Maria do Carmo Campos – em *A crítica e a literatura brasileira: metas, desvios e horizontes* – examina aspectos da formação do pensamento crítico no Brasil, que se articula na dualidade entre a necessidade de seguir os modelos e a constituição de um discurso instaurador da diferença. Zilá Bernd – *A literatura brasileira: horizontes críticos em diálogo hoje* -, que propõe o diálogo cultural e literário entre a Literatura Brasileira e as Literaturas francófonas do Québec e do Caribe, trabalho que integra um projeto de pesquisa maior, de elaboração de um Cd-ROM com os textos fundadores destas literaturas. Aimée Gonzáles Bolaños – em *Pensar la narrativa latinoamericana* – reflete sobre os processos narrativos da literatura latino-americana no século XX. O texto de Fernando Gil – *O romance da urbanização: a modernidade a contrapelo* – identifica um conjunto de narrativas denominadas *romance da urbanização*, que põem em xeque noções consagradas sobre o Modernismo brasileiro. Antônio Sanseverino – em *A impossibilidade da história* – mostra que a dualidade da sociedade brasileira do século XIX – escravocrata e liberal – está representada no romance de Alencar, cujo narrador autoritário procura solucionar esses dilemas, transpostos para o plano estético. A seção fecha com um breve deslocamento da discussão, que aborda aspectos relativos à lusitanidade. Maria Luiza Armando – com *A integração da lusofonia: conceito, fundamentos, necessidade, possibilidades* – faz uma discussão sobre a importância dessa integração, mostrando

o papel determinante do Brasil no contexto.

A segunda seção – *A ficção brasileira: canônicos e não-canônicos* - divide-se em duas subseções. A primeira, focada em Machado de Assis, inicia com o ensaio de Ana Maria Lisboa de Mello – *Processos narrativos nos contos de Machado de Assis* –, no qual a autora aponta procedimentos narrativos recorrentes nos contos do escritor, entre outros o diálogo com a tradição literária e popular. Robson Coelho – com *Os heterônimos (possíveis) em Machado de Assis* – faz a análise da integração do homem, do autor e do narrador: a obra de Machado seria o resultado da confluência desses heterônimos, fundamentais para a reflexão sobre a sociedade brasileira. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy – em *O mito do oriente no imaginário luso-brasileiro* – examina a subversão dos paradigmas realistas realizada pelos escritores Machado e Eça ao estabelecerem o diálogo com mitos do oriente, cujo imaginário é oriundo da época dos descobrimentos. A subseção fecha com o ensaio de Rosane Saint-Denis Salomoni – *Machado de Assis: “Uma excursão milagrosa”* –, que faz uma análise do conto, segunda versão de “O país das quimeras”, cujas modificações são responsáveis pela alteração de sentido, o que permite uma leitura a partir das categorias do fantástico.

A outra subseção – *Tradição, rumos e rupturas* - centra-se na ficção contemporânea, e os trabalhos reportam-se tanto a autores consagrados, integrados a uma tradição, quanto a autores que a rompem, inaugurando outros paradigmas. O ensaio de Rildo Cosson – *Naturalismo na década de 70 – o realinhamento do cânone* – é o mais abrangente: discute as estratégias utilizadas, sobretudo pelo romance-reportagem, para conservar-se alinhado ao cânone. O ensaio de Gínia Maria Gomes – *Luzia, a teiniaguá de Santa Fé* – aborda o diálogo intertextual que a personagem Luzia mantém com a personagem de “A salamanca do Jarau”, narrativa de Simões Lopes Neto. João Manuel dos Santos Cunha – em *Vastos cânones e pensamentos pós-modernos* – examina o aproveitamento de procedimentos filmicos, experiência realizada por alguns escritores, entre eles Rubem Fonseca, cuja apropriação destes recursos é analisada em romances como *O selvagem da ópera* e *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*. Importa ainda referir o estudo sobre Osman Lins, em cuja narrativa vislumbram-se novos rumos da Literatura Brasileira. É neste sentido que se pode ler o ensaio de Leny da Silva Gomes – *“Avalovara”: uma cosmogonia literária*. A autora procura justamente apontar a originalidade do escritor, cuja complexidade não tem merecido a devida atenção por parte da crítica.

A terceira seção – *A poesia brasileira: canônicos e não-canônicos* – concentra-se, inicialmente, em um dos poetas consagrados da Literatura Brasileira: Carlos Drummond de Andrade. Eduardo Dall’Alba – em *“Morte das casas de Ouro Preto”: uma visada arquitetônica* – examina a estrutura temática e formal do poema. Marlise Sapiecinski – com *Poesia, história e razão crítica: de Itabira para o mundo* – ressalta a união harmoniosa que se estabelece entre razão e sensibilidade na poesia drummondiana. Raquel Souza – em *Alinhavos para uma costura: “Boitempo”* – explora o caráter autobiográfico dos poemas.

Na subseção *Entre a tradição e as novas formas*, poetas canônicos e poetas instauradores de novos caminhos são estudados. Os ensaios de Sandra Mara Stroparo – *“Vila Rica”: a epopéia de Minas* – e de Leandro Sarmatz – *Cláudio e a dialética do bucolismo* – dedicam-se ao estudo do canônico Cláudio Manuel da Costa. Enquanto o primeiro analisa um texto com pretensões épicas, tentando resgatar a “intuição de uma identidade” nele presente, o outro centra-se nos sonetos, objetivando o desenvolvimento da idéia de uma “bucólica brasileira”. Nesta subseção são também contemplados poetas consagrados, como Mário de Andrade, Manuel Bandeira e João Cabral, bem como Jorge de Lima, poeta que ainda não recebeu a merecida atenção por parte da crítica, objeto de estudo do ensaio de Eduardo Sterzi – *“Invenção do Orfeu”: uma epopéia moderna?* –, que examina o diálogo que o texto estabelece com a tradição clássica. Além deles, destacam-se as leituras de Erico Curado, poeta simbolista goiano, e de Manuel de Barros, analisado por Goiandira de F. Ortiz de Camargo – em *O cânone crítico-poético em Manuel de Barros* –, cuja originalidade permite pensar o redimensionamento do cânone.

Contando com tantas e tão interessantes contribuições, sentimo-nos à vontade para afirmar que o debate proposto naquele II Fórum, em torno do tema do cânone, ganhou aqui uma representação forte e consistente, que contribui para a compreensão da questão em nosso país.

Gínia Maria Gomes e Luís Augusto Fischer
Organizadores